

**Janela de Diálogo 06 -
Promoção de uma educação
dialógica em tempos de ensino
remoto emergencial: é possível?**

*Danielle Grace Rego de Almeida
Brena Maria da Rocha Silva
Raphaelly Souza Bezerra*

06

As palavras que compõem estas páginas se articularam, como sabemos, em torno do *III Ciclo de diálogos Universidade e Escola*. O evento procurou enfatizar dois aspectos marcantes do momento histórico pelo qual a educação brasileira passou durante a pandemia da covid-19 e a instauração do Ensino Remoto. Primeiramente, a necessidade de maior interação entre as diversas instâncias educacionais, notadamente a Universidade e a Escola, o que impulsionou ações de diálogo como este Ciclo, promovido pelos professores que compõem o GT de Estágio (DPEC/CE/UFRN), do qual tenho prazer de fazer parte. Em segundo lugar, o registro da memória de um período de perdas e precarização em todos os níveis da educação brasileira.

Este texto conservou o título que deu nome ao 6º momento de discussão, a que chamamos *Janelas de diálogos*. Ao invés de falar em mesas, como se convencionou em eventos acadêmicos, a mudança do vocábulo merece tecermos algumas considerações. Empregada neste contexto, a palavra Janela, por si só, permite entrever um sentido duplo e até mesmo paradoxal. Exprime a ideia de abertura, de contemplação entre o espaço interno e o externo, apontando para as dimensões de diversidade do mundo e as possibilidades de conversa que nascem de um cenário de trocas afetivas. Por outro lado, abrir ou mudar de janela, ser direcionado a outra são situações que nos remetem também à perspectiva virtual das janelas da internet na tela de nossos computadores, smartphones e tablets.

Nestes últimos dois anos, a tecnologia escancarou suas abas e acessos. Inicialmente, ela nos trouxe o conforto da conexão virtual

e das tarefas à distância, como ver amigos e familiares, realizar compras online etc. Depois, ela se tornou a “solução” para o problema do fechamento das instituições de ensino e do grande transtorno que a falta de assistência nesse momento de crise nos causou. Quanto a isso, não se pode negar o vento violento que entrou em nossas casas por essas janelas, trazendo consigo exaustão, tensões emocionais, precariedade profissional e exclusão digital. É sobre este paradoxo que a sessão relatada nestas páginas nos convida a refletir. Nossas comunicadoras, as professoras Brena Maria da Rocha Silva, da Escola Estadual em Tempo Integral Professora Clara Tetéu e Raphaelly Souza Bezerra, da Escola Municipal Professora Zineide Igino Moura e da Escola Estadual Instituto Padre Miguelino, trazem uma reflexão crítica a respeito do período que vivemos. Além de uma análise de suas áreas (línguas estrangeiras e artes cênicas), as comunicações dessas professoras são atravessadas pelas suas experiências em sala de aula durante a instauração da modalidade remota nas escolas do estado do Rio Grande do Norte. Ademais, sem perder de vista a homenagem que este evento prestou a Paulo Freire, as discussões foram atravessadas pelas ideias de educação libertadora e dialógica propostas pelo grande educador e filósofo brasileiro.

Inicialmente, fizemos a transcrição completa da sessão, depois optamos pela adaptação para a língua escrita, mas quisemos conservar uma certa ambiência de conversa que se instalou em nossa Janela. Assim, o texto segue a ordem das falas e conclui com um momento de debate que preferimos colocar como uma entrevista com perguntas seguidas

de respostas. Como o evento foi online, pudemos contar com a presença de um público participativo que tivemos o prazer de acolher em nosso debate. Por último e não menos importante, gostaria de agradecer a parceria com a professora Tatiana Tenório que esteve comigo desde o início na organização dessa janela e na mediação deste texto. Por motivos de imprevistos tecnológicos, a professora não pode estar na sala de videoconferência, mas se fez presente no chat interagindo com as participantes e o público.

Danielle Grace (DPEC/CE/UFRN)

POR BRENA MARIA

É muito importante esse diálogo entre universidade e escola. Importante para os estudantes licenciandos terem esse contato conosco, professores que estão atuando no ensino básico, porque, geralmente, enquanto estudantes universitários, não sabemos ainda muitos detalhes que vão acompanhar a nossa vida pós-universidade, enquanto professores. Retornar à universidade é igualmente importante para nós. Professores sempre estão muito ocupados, temos muitas demandas, atendemos a um número muito grande de estudantes, muitas vezes em mais de uma escola. Essa é a realidade do professor do ensino básico. Então, muitas vezes paramos de investir em nós mesmos, no nosso conhecimento. Porém, quando paramos numa noite como essa, para falar às pessoas que estão aprendendo em universidades excelentes como a UFRN, no mínimo, nos preparamos para esse momento, estudamos, retomamos leituras, produzimos um slide de apresentação, pois não queremos falar qualquer coisa. Iniciamos com o seguinte

questionamento: a promoção de uma educação dialógica em tempos de ensino remoto emergencial, é possível? Não é uma pergunta tão simples de ser respondida, então não vou tentar responder tão rápido. Primeiro, vamos observar alguns recortes de ensinamentos valiosos de Paulo Freire. Quem nunca ouviu falar em Paulo Freire? Não somente aqui no Nordeste, seu berço. Ele nasceu em Pernambuco, desenvolveu um trabalho muito bonito no Rio Grande do Norte, e é reconhecido no mundo inteiro. Quem não ouviu falar de Paulo Freire e da proposta de educação dialógica que ele traz para o Brasil e para o mundo? Falaremos um pouco sobre alguns de seus apontamentos para o ensino, em paralelo com um pouco da minha experiência, da minha prática como professora no ensino básico, neste momento numa escola de ensino médio em tempo integral na cidade de Macau/RN. Trago uma reflexão sobre já estar atuando como professor, porém, é como se estivéssemos apenas começando a aprender. Temos muito a aprender. Ao sair da graduação e entrar na sala de aula, estamos só começando o nosso aprendizado. Então, temos que ter a humildade de saber que não somos donos da verdade. Não podemos conceber nossos estudantes como sujeitos com mentes vazias, e nós como detentores do conhecimento a ser colocado para encher essas cabeças, essas mentes. Não é bem assim. Eles possuem conhecimentos válidos também. Não é só o nosso conhecimento que é válido. Temos que conceber cada estudante como um ser pensante, inteligente e central, ou seja, o principal responsável pela sua própria aprendizagem. Nós professores, lógico, temos um papel incrível na formação de cada um deles, mas ele é seu próprio centro. Todos

somos os principais responsáveis pela própria aprendizagem, e professores não podem tirar esse mérito de seus estudantes. Além disso, tanto professor quanto aluno, ensinamos uns aos outros, e o aluno pode nos ensinar, especialmente se permitirmos um diálogo amplo, inclusive a respeito das nossas próprias metodologias de ensino. O aluno demonstra através do diálogo o que está funcionando e o que não está, então precisamos continuar estudando para acertar cada vez mais. O estudo é muito amplo. O professor nunca deve parar de estudar sobre os conhecimentos específicos da disciplina a qual ministra; conhecimentos relacionados à pedagogia; à educação em si; sobre Paulo Freire; sobre outras áreas do conhecimento que não a nossa específica que estudamos para ministrar. Isso para promover aulas cada vez mais interdisciplinares, porque é assim que os conhecimentos fazem sentido, relacionados e não isolados. Que as aulas sejam interdisciplinares mesmo, para fazer conexões e relacionar à realidade que vivem os alunos, e até mesmo, quando extremamente necessário, ensinarmos outras disciplinas que a universidade não nos preparou. Não que seja o ideal, mas isso pode acontecer e acontece. É uma realidade no estado do Rio Grande do Norte. Não posso dizer com propriedade se é uma realidade de todo o Brasil, mas eu sou professora de língua inglesa, estudei na UERN, Letras com habilitação em Língua Inglesa, já entrei na rede estadual de ensino como professora de Inglês, mas durante quatro anos ministrei também aulas de Artes. Então talvez alguém esteja se perguntando “como assim professora de Artes, se estudou para dar aulas de Inglês?”. Isso infelizmente é uma realidade em muitas escolas no nosso

estado, é uma realidade da rede municipal de ensino da cidade que eu moro, Macau, e também é uma realidade nos institutos federais, não de forma permanente, mas é recorrente. Nós, enquanto participantes dessa realidade, precisamos promover mudanças. Mesmo não trabalhando em condições ideais, precisamos dar o melhor possível para nossos estudantes. Precisamos, com urgência, promover uma educação libertadora, uma educação que venha a transformar essa sociedade para melhor. A sociedade tem problemas, a sala de aula tem problemas, então precisamos manter um diálogo que promova aprendizagens e soluções para os problemas.

Sabe-se que o ano de 2021 foi o centenário de Paulo Freire e o freiriano da educação potiguar. Tivemos uma jornada pedagógica online com a SEEC (Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer), e a figura principal das palestras era Paulo Freire, com seus valiosos ensinamentos. Ele estaria completando cem anos neste ano, igual ao meu avô Inácio, coincidentemente. Tanto a SEEC quanto diversas instituições, assim como a UFRN neste momento, estão resgatando estudos de Paulo Freire, e isso é muito importante porque sua proposta pedagógica é necessária e até emocionante. No início da janela, enquanto a professora Daniele estava falando, eu já estava me emocionando, porque os ensinamentos de Paulo Freire dão esperança de dias melhores. Vejamos este exemplo: “Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas

falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes”. Então, não adianta só falar ou imaginar. É preciso pegar toda essa teoria, que é muito bonita, que é um sonho, e trazê-la para a prática, para a sala de aula, para o convívio com os estudantes.

Para a educação dialógica que Paulo Freire nos propõe, eu trago dois espaços específicos onde ela pode ser praticada dentro da escola: na relação professor e alunos em sala de aula, como também na gestão democrática entre professores, estudantes e toda a comunidade escolar. No entanto, essa palavra DEMOCRACIA que vem sendo tão usada, até de forma incoerente, muitas vezes é entendida de forma rasa, e não em sua essência. Muitas vezes eu vejo as pessoas praticando a democracia apenas em processos eleitorais: eleição de prefeito, de governador, de vereadores, de gestão escolar. Que bom que existem eleições democráticas. A eleição para a gestão escolar é uma conquista recente e importante. No entanto, a democracia não se resume a isso. Democracia é um processo que deve ser contínuo nas assembleias legislativas, por exemplo. Há momentos em que a população pode opinar e sua opinião conta também em algumas votações. Mas muitas vezes os cidadãos nem sabem que podem fazer parte desse diálogo. Na escola, existem leis e órgãos para que haja uma gestão democrática. São eles, o Grêmios Estudantil, formado apenas por estudantes; Conselhos de Classe, formados apenas por professores que avaliam especificamente aspectos pedagógicos; e existe, o que eu quero focar, o Conselho Escolar que, quando ativo, é um órgão extremamente democrático dentro da escola. Estes órgãos

são relativamente novos em nossa cultura. A lei estadual da gestão democrática existe desde 2016, então os conselhos estão começando a ser atuantes agora. Cada mandato tem a duração de três anos. No primeiro mandato da minha escola, eu participei, mas era um Conselho que existia teoricamente. Havia o registro de sua composição, mas não existia a prática. Houve um momento em que eu observei que todas as decisões estavam sendo tomadas de maneira unilateral, sem diálogo entre a comunidade escolar. Então, na gestão democrática existe o Conselho Escolar e ele é formado tanto por estudantes como professores, demais funcionários da escola, pais, mães e/ou responsáveis pelos estudantes, e o diretor da escola, que é membro nato do Conselho, conforme a Lei complementar Nº 585 de 30 de dezembro de 2016. É muito interessante a atuação de um Conselho Escolar, pois garante o diálogo genuíno. Cada membro representa o segmento de pais ou de estudantes, professores ou demais funcionários. Todos estes, eleitos, podem levar assuntos que achem importantes de serem discutidos, como problemas observados e propostas para suas resoluções. Qualquer um dos membros que leve uma questão para ser discutida numa reunião do Conselho não estará resolvendo, mas sim abrindo o diálogo, e quem resolve uma questão é o próprio Conselho a partir da explanação do ponto de vista de cada um e seu voto. Se alguém não concorda com o que está sendo proposto, contra-argumenta e seguimos dialogando. Eu participei do Conselho Escolar por dois mandatos e fui presidente até pouquíssimo tempo. Ele é um órgão extremamente importante dentro das escolas porque estamos saindo de uma era

de gestão autoritária onde só o(a) diretor(a) da escola ditava como as coisas deveriam acontecer. Hoje os estudantes podem opinar, os professores e toda comunidade escolar é representada dentro do Conselho. Mesmo quem não faz parte do órgão pode conversar com seus representantes e levar proposições para serem discutidas. É muito bonito na prática. Às vezes há desentendimento em algumas dessas reuniões, pois o pensamento divergente existe na democracia, mas é como eu estou falando, há o diálogo e chegamos num consenso porque a decisão é contemplada pela opinião da maioria. Colocamos todos os pontos que acreditamos, defendemos a ideia que acreditamos, mas no final das contas é democraticamente que decidimos as coisas dentro da escola. É uma transformação que estamos vivenciando. Isso não é uma cultura antiga. Não é algo que faz parte da nossa história há muito tempo, mas está sendo construída e é muito bonito de se ver. Sobre isso, eu trago outra citação de Paulo Freire: “Tudo que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente”. E se não for dentro da escola que esse processo democrático chegue a acontecer, onde estudantes estão aprendendo tantas coisas, onde é que vai acontecer? Nós professores temos que assumir também um pouco dessa responsabilidade.

É importante destacar toda a legislação que ampara a Gestão Democrática. Ela está

prevista na Constituição Federal, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB, no Plano Nacional de Educação, que é renovado a cada 10 anos, no Plano Estadual de Educação, e na Lei Estadual da Gestão Democrática e Participativa da Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte. Quero frisar que na teoria a gestão democrática acontece de forma ideal, mas na prática podem ocorrer alguns desafios. É preciso ter cuidado ao ver e querer participar de um grupo de pessoas dialogando, especialmente num Conselho. Precisamos participar no sentido de colaborar e não atrapalhar. Se não concordamos com algo e pretendemos fazer uma crítica, temos que primeiro nos embasar com argumentos e instruções pré-estabelecidas, porque há toda essa instrução normativa já citada e mais. Aqui eu citei apenas leis, mas existem outros documentos oficiais orientadores das práticas dos conselhos escolares, documentos estaduais, cartilhas nacionais em torno 13-15 volumes. Cada cartilha é um livro orientando sobre o bom funcionamento dos Conselhos Escolares. Quem compõe um Conselho Escolar precisa estudar sobre seu correto funcionamento porque podemos responder legalmente pelas decisões que tomamos dentro dele. Então, se alguém que faz parte da escola quer participar desse diálogo, pode, deve e é ótimo, mas antes de chegar criticando as ações de um Conselho atuante é bom se informar, pesquisar, perguntar, enfim, dialogar. Quando a gente não sabe, a gente precisa se informar, procurar aprender para não iniciar o “diálogo” já dizendo “Não! Não concordo, não é assim que deveria ser”, e já chegar criticando de uma forma ofensiva, que causa ruído e mal estar. Eu estou mencionando essas coisas porque

elas acontecem. Precisamos ter esse cuidado. Às vezes o próprio professor, diretor ou algum outro funcionário da escola, não concorda com uma mãe, um pai, um estudante, levar um tema para discussão e dizer “Precisamos discutir sobre tal tema: sobrecarga de estudos no ensino remoto”, por exemplo. Algumas pessoas se sentem pessoalmente ofendidas justamente com a participação democrática, e defende: “não podemos conversar sobre isso porque já foi resolvido, nós que trabalhamos aqui, nós que temos formação para fazer esse trabalho, nós já discutimos sobre isso aqui, é assim que vai ser, essa mãe não pode opinar porque não participa ativamente da escola, não acompanha o filho, essa estudante não pode opinar porque ela falta demais, não faz as atividades”. A democracia no ambiente escolar não funciona assim. O acolhimento da comunidade escolar deve partir justamente da escola, por isso devemos cuidar para que esses diálogos não virem uma “bola de neve” de conflitos. Não podemos julgar as pessoas e dizer que elas não podem participar. Nós, como professores, temos um papel fundamental no diálogo entre a comunidade escolar. Temos que incentivar se o estudante está querendo participar, mesmo que consideremos que ele esteja equivocado. Deixemos que ele levante o diálogo. Não podemos negar a fala. Deixa ele(a) se explicar e a gente expõe também o que pensa, e a gente dialoga. No final das contas nem eu, nem o estudante vamos decidir nada sozinhos, mas o Conselho. Nem eu nem ele(a), nós decidimos. Porque se, ao invés de dialogar, tentarmos calar, não estaremos contribuindo para uma educação dialógica, para uma escola democrática. Estaremos contribuindo para a cultura do silêncio que Paulo

Freire tanto repudiou elucidando que trata-se de uma sociedade acuada, que não fala, que não participa dos processos democráticos porque já não tem fé que possa fazer ação alguma que traga mudança. Então, nesse espaço, o papel do professor é incentivar justamente o contrário, que o estudante participe e que dialogue mesmo. E da mesma forma que às vezes a gente erra, o estudante vai errar também. Ele vai aprender sobre participação democrática participando e dialogando junto conosco.

Gostaria de destacar ainda, o diálogo no âmbito do ensino/aprendizagem, o diálogo entre professor e estudante. Eu selecionei uma fotografia que acho maravilhosa. Vemos uma realidade diferente da nossa, com poucos estudantes numa sala de aula, todo mundo muito próximo. Atendemos números altos de estudantes. Quero deixar uma crítica a respeito disso porque dificulta o diálogo, questões de ensino e aprendizagem, enfim, tudo. Na foto vemos professora e estudantes em uma posição igual. Não parece que ela seja detentora da verdade. Todo mundo está conversando aparentemente sobre algo ligado ao mundo, pois a professora está mostrando o Globo terrestre. Todos estão extremamente atentos e há duas meninas com uma mão levantada pedindo a vez para falar, querendo entrar no diálogo. O que eu acho excelente nessa imagem é que elas não interrompem a professora, elas deixam ela concluir seu raciocínio, porque elas sabem da importância do que a professora está falando, elas respeitam o discurso da professora e as duas estão esperando a vez de falar. Isso é muito bonito porque demonstra um respeito muito grande pela fala do outro ao deixá-lo concluir o seu raciocínio para então expor o

próprio, e é assim que o diálogo tem que ser. Ele não precisa ser gritado, com ruído enorme onde uns atropelam os outros, e ninguém conseguindo concluir sua linha de raciocínio. Pelo contrário, cada um espera a sua vez de falar, reconhecendo que a fala do outro traz algo de muito importante também. Na nossa prática em sala de aula, devemos ter um cuidado imenso de respeitar a vez dos alunos falarem também. A fala deles não pode ficar resumida a responder o que eu pergunto. Não há liberdade num diálogo assim, não é nem um diálogo de fato, e não há respeito à participação do outro. Transmitir esse respeito é demonstrar amor pelo que se faz, um amor pelas pessoas, aquele amor que Paulo Freire sempre falava. Quando a gente respeita o outro, as colocações do outro, o que ele traz em seu discurso, a gente demonstra um amor pela sociedade em si. É muito fácil a gente amar nossa família, nossos filhos, nossos pais, é muito fácil. Difícil é amar os outros, o restante da sociedade. Porém, precisamos porque nós e eles somos a mesma coisa, estamos juntos em todos os ambientes, inclusive em sala de aula e na sociedade que está constantemente em processo de transformação. Então, esse respeito é muito necessário, mesmo se eu estou no meio de uma aula que eu planejei em detalhes e quero que tudo saia conforme planejado, mas o estudante me para no meio da aula e diz “mas professora, eu não sei para quê aprender Inglês, ninguém fala Inglês aqui em Macau, nem no Brasil, ninguém fala Inglês, para que que eu vou aprender inglês? Quando vou na padaria comprar pão eu não peço em inglês”. Então, eu vou mandar esse menino calar a boca e me deixar continuar minha aula ou eu vou tentar responder a pergunta dele? Já precisei mudar o plano de

aula, focar justamente nessa questão, “ah, tudo bem, não vamos fazer isso aqui agora, vamos entender por que que a gente precisa aprender Inglês. Inglês é uma língua mundial, pode te dar oportunidades, você pode ter uma oportunidade de estudo ou de trabalho e de repente perder essa oportunidade porque você não sabe a língua mundial e por aí vai”, “ah, professora, mas eu não consigo aprender inglês de jeito nenhum, é muito estranho, eu não entendo nada”, “tudo bem, então vamos conversar sobre estratégias para a gente aprender”. Muitas vezes o processo de aprendizagem é difícil para eles, muitas vezes eles querem mudar a própria atividade que levamos, “ah, professora, escrever eu não consigo de jeito nenhum”, essa frase eu escuto demais, “nem Português eu sei direito, quanto mais Inglês”, às vezes concluo que preciso adaptar a atividade na hora da aplicação, “tudo bem, esse nível aqui está demais, então vamos diminuir um pouquinho, vamos fazer essa atividade aqui mais simples”. A gente precisa deixar essa porta (ou janela) aberta para o diálogo com o estudante porque se eu não deixar, corro um risco muito grande dele também não deixar a dele aberta, e a gente não chegar a lugar nenhum. Eu achando que estou dialogando com alguém, que estou dando uma aula ótima, mas os estudantes nem sequer entendem sobre a necessidade dele aprender Inglês. Então alguém precisa explicar. Esse é só um exemplo pontual sobre a importância do diálogo na sala de aula entre professor e os alunos. Paulo Freire também nos diz o seguinte: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.

Para concluir minha fala, retomo aquela questão inicial, “é possível promover uma educação dialógica em tempos de ensino remoto emergencial?” Seria muito simples dizer que “sim”, como também seria muito cômodo simplesmente dizer que “não”, então eu diria assim: “é possível!”. É possível promover uma educação dialógica em tempos de ensino remoto emergencial, possível e necessário. Não estou dizendo que é simples, mas se nós queremos uma escola democrática, a gente tem que entender que nós não somos donos da verdade, que nós temos muito o que aprender e que é apenas através do diálogo que a gente vai dar nossa contribuição para uma educação libertadora, como diz Paulo Freire, para uma educação transformadora dessa realidade que aí está. Precisamos ensinar que há espaços a serem ocupados na nossa sociedade, primeiramente na escola. A participação se dá através do diálogo, pois dessa forma, o estudante vai sair da escola um pouco mais preparado para assumir a sua cidadania em outros lugares. Uma das principais atividades na minha cidade, Macau/RN, é a pesca. Eu desejo que os estudantes, todos eles, tenham uma formação superior, tenham uma linda carreira pela frente, e direitos. As famílias de muitos deles são pescadores. O estudante pode sair da escola sabendo que existe um Conselho de Pesca e que lá dentro ele pode lutar por mais direitos para os pescadores, assim como Conselho de Educação, Conselho de Saúde, Conselho de Cultura, a Tribuna dentro das assembleias legislativas onde há espaço para a participação popular. Então é preciso eles saberem que existem esses espaços e que eles podem participar e contribuir através de diálogo.

Eles só vão ser educados nesse sentido, a partir da escola, e se a escola não promover esse diálogo, mostrando que a sociedade pode sim se libertar, pode sim ser mais, pode conseguir mais, pode realizar mais o que se sonha, se não for dentro da escola, onde vai ser? Deixo essa reflexão e espero que ela acrescente algo. Obrigada! Muito obrigada especialmente à professora Danielle que foi quem me convidou a retornar à universidade para conversar um pouco com vocês nessa noite.

POR RAPHAELLY SOUZA

Antes de começar nosso diálogo, abrindo mais uma janela de possibilidades, me apresento: sou Raphaelly, tenho esse nome bem complicado de escrever, simples e comum, porém com uma escrita “enfeitada”. Sou graduada e mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Agradeço a oportunidade de participar de um momento tão importante, essas ocasiões são sempre de grande aprendizado, então só tenho gratidão por estar aqui, fazendo essa troca, essa partilha com vocês. Um agradecimento especial a professora Tatiane Tenório que é professora do estágio no curso de Licenciatura em Teatro da nossa universidade, pelo convite e antes de tudo adorei o tema, a forma de abordar, o GT, essa coisa da poesia, sou suspeita para falar, sou das artes e acho ótimo quando enxergamos essa poesia na vida, essa poesia que entrelaça, que institui essas interfaces entre todos os conhecimentos.

Considero extremamente desafiador essa temática da janela. É desafiador pensar em como estabelecer uma educação dialógica

em tempos de ensino remoto emergencial e se é possível? E como é possível? É algo importante, porém difícil, bem como outras questões e outros apontamentos que estão presentes no ensino remoto, como já foi dito emergencial, ou seja, algo que nos pega de surpresa. Antes de tudo, quando a gente fala de diálogo, me vem à mente a escuta, me vem à mente o “quem sou eu, quem é você”, isso em sala de aula para mim é muito importante. É como no ensino público na educação básica termos muitos alunos, diversas turmas e não dá realmente para conhecer tão bem esse aluno, mas ainda assim, a escuta de ao menos perguntar o nome, de dar atenção ao que ele fala, aquele ser humano, já é um diálogo, já é o início de uma escuta.

Sem escuta não há voz! Conforme dito pela professora Brena, anteriormente, precisamos estar atentos na escola quanto ao silenciamentos dos nossos estudantes. Sem notar, por vezes silenciamos a voz do outro, seja numa sala de aula física ou virtual, o que pode ocorrer sem notarmos. Contudo, compreender essa prática já instaura um início de mudança. É essencial entendermos que sem a escuta, sem essa abertura para o outro não há diálogo, não há voz. Conforme dito por Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78).

Na Educação, a nossa construção de pensamento enquanto sociedade acontece de forma inter-relacionada, nós somos construídos ao mesmo tempo na nossa relação com o outro, na nossa relação com o mundo, como aponta o filósofo Maurice Merleau-Ponty, quando nos fala sobre essa relação do ser com o outro e com o mundo, espaço esse que significa as coisas ao

mesmo tempo que por elas é significado, numa relação fenomenológica de percepção das coisas. Este fenômeno evidencia ainda mais a necessidade, a urgência e a importância de um diálogo quando a gente fala especialmente em processos educativos.

Remontando mais uma vez a metáfora das janelas, observemos a obra “Janela” do brasileiro André Vicente, que fotografa janelas do mundo todo, o que nos faz refletir sobre o quanto a ideia da janela é uma simbologia potente, que pode representar o fechar-se ou abrir-se para ideias, oportunidades, conhecimentos e novos horizontes. Falando em conhecer, apresento dois palcos das minhas experiências e reflexões estabelecidas neste diálogo, duas escolas públicas nas quais leciono: o Instituto Padre Miguelinho, escola estadual centenária localizada no bairro do Alecrim; e Escola Municipal Professora Zeneide Igino de Moura, situada no bairro de Cidade Nova, zona oeste da cidade de Natal.

Nessa última, além do desafio do ensino remoto, passamos por outra problemática, sendo municipal e não havendo uma plataforma de ensino virtual, como existe na rede estadual, nossos encontros estão acontecendo via WhatsApp. Atendemos estudantes do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, na faixa etária entre 06 e 11 anos de idade, os quais em sua maioria ainda necessita dos aparelhos celulares dos seus pais ou responsáveis, para acessarem nossas aulas, além de, e principalmente, precisarem da ajuda deles para realizarem as atividades solicitadas nas aulas.

Estes adultos responsáveis, porém, nem sempre estão disponíveis às crianças no horário das nossas aulas, que ocorrem pela manhã,

pois têm seus afazeres pessoais, como cuidar da casa e ou trabalhar fora do domicílio, pois muitos já voltaram ao trabalho presencial, o que lhes impossibilita de assessorar nossos alunos e nossas alunas no momento dos encontros remotos pelo WhatsApp. Após uma sondagem inicial vimos que usar a plataforma Google Meet como ferramenta principal de acesso às aulas não seria viável, tendo em vista que a maior parte dos estudantes não possuem computador e nem internet que suporte o uso deste recurso.

Para tentar minimizar as dificuldades impostas a esta realidade de um ensino remoto emergencial nesse formato ainda mais excludente, desenvolvemos atividades adaptadas para os alunos que não conseguem acessar às aulas remotas, bem como para àqueles com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), com atividades impressas. Isto, logicamente, traz muitos desafios. Como trabalhar esse ensino com crianças tão pequenas e ainda tão dependentes em vários aspectos do auxílio familiar?

Nos deparamos, infelizmente, com um alto índice de exclusão, muitos alunos não conseguem participar das aulas, esse ensino remoto, também de uma maneira geral como nós sabemos, acabou evidenciando ainda mais as desigualdades educacionais em nosso país. Outro grande problema que encontramos, foi a falta de formação específica, muitos de nós que estamos agora trabalhando nesse formato emergencial de ensino, não tivemos um suporte, nenhuma formação específica para essa modalidade educacional. Alguns pais e mães, também desconhecendo este formato, inclusive confundem com a EAD.

Sabemos que o ensino remoto não é a

mesma coisa que Educação à Distância, e o professor e professora da EAD possuem uma formação específica para aquilo, precisa passar por um processo pedagógico formativo, inclusive para atuar nessa área, fornecendo um suporte teórico e, em algumas situações, até mesmo prático para pensar o ensino não presencial, algo que grande parcela dos docentes do ensino remoto não tem.

Outra dificuldade ainda é a falta de suporte tecnológico, nem sempre o professor, a professora, os alunos vão ter acesso à internet. Pensemos também na mudança nas rotinas familiares, conforme disse, são vários os familiares das nossas crianças que não podem estar no momento da aula, com isso quebra-se, a princípio, aquela ideia do diálogo, da escuta, do acolhimento nesta aula.

Esta realidade acaba dificultando o processo, inclusive de acompanhamento das atividades dessas crianças porque se eu não tenho alguém para me auxiliar, para me ajudar nesta feitura da atividade, como vou fazer? E nisso traz um processo de pergunta e resposta, de tempo e de espera muito grande que diversas vezes é frustrante para o professor, uma professora, pois levamos a proposta, mas essa devolutiva não acontece. Essa ideia de diálogo, de fala, de escuta tem um outro tempo, as coisas têm mudado muito com o formato remoto. Essa nova noção de tempo e de espera geral, por vezes, causa ansiedade no professor, no aluno e na família.

Possuímos em nossa escola, em consonância com a realidade de grande parcela das famílias brasileiras, crianças amparadas por mães e avós, que às vezes me procuram em conversas privadas no WhatsApp, angustiadas

por não poderem auxiliar seus filhos e netos, e para avisar que precisam cumprir com tarefas domésticas e de trabalho não domiciliar no horário das aulas. Há ainda, as que me dizem “eu não sei ajudar, só estudei até a quarta série”. É preciso lembrarmos também que ainda temos em nosso país um grande déficit educacional, com muitos adultos e idosos que não concluíram seus estudos nem mesmo da educação básica. Com tantos entraves, nem sempre dialogar é tarefa fácil!

É preciso também apontar as longas jornadas de trabalho do professor, que só aumentaram no formato remoto. A sensação é que não há hora para começar ou terminar nossa jornada. Nem sempre pais e alunos entendem também que é inviável respondê-los sempre prontamente por e-mail e telefone. As linhas entre vida pessoal e profissional ficam fluidas quando usamos nossos suportes privados (telefone, casa, etc.) para trabalhar.

Com tantas dificuldades, me lembrei de uma pergunta que certa vez uma estagiária do curso de Licenciatura em Dança da UFRN me fez, durante uma sondagem para seu relatório de Estágio: “Mas e aí Raphaelly, você já disse os pontos negativos, você enxerga algum ponto positivo nesse processo?”. Fiquei com aquilo “matutando” em minha cabeça, respondendo: “Mulher, eu não sei dizer agora me desculpe”. Sabe aquele famoso “ranço”? Ele havia se instaurado em mim em relação às aulas remotas.

Somente notei que estava me bloqueando para pensar nas coisas como elas estavam postas. O ensino remoto em si já é difícil, ainda mais de forma emergencial, quanto mais quando a gente pensa nesse processo dialógico. Mas hoje noto que é difícil, mas é necessário. Quando

percebi que estava me fechando para buscar opções pedagógicas, “apesar dos pesares”, para aquele momento atípico, entendi que dessa forma o que já era difícil ficava ainda mais pesaroso. Destaco que não se trata de fechar os olhos para os desafios e os problemas, inclusive de ordem político-sociais, que nos levam às dificuldades mencionadas, mas sim de pensar formas de tentar diminuir o máximo possível os impactos desse momento ainda mais excludente na educação pública do nosso país.

Me sentia, e ainda me sinto, angustiada com a ausência de “respostas” dos meus alunos: muitos não respondem as atividades e nem mesmo “falam” nada durante as aulas remotas. Mas um dia, lembrei de um livro que minha mãe sempre falava dele para mim, ela dizia “toda mocinha na minha época lia esse livro”, era Poliana. Ela me falou também do “jogo do contente” que havia nessa obra, ensinado pelo pai da protagonista dessa história, que dá nome ao livro. O jogo consiste em enxergar as possibilidades mesmo num momento difícil, enxergar o lado bom.

Como falei, não é sobre fechar os olhos para as dificuldades, mas sobre entender que se aquilo está acontecendo, a gente vai cruzar os braços, vai sentar e chorar? Às vezes sim, mas depois a gente descruza os braços, enxuga as lágrimas e reage.

Lembrando novamente da sensação negativa de não ouvir os alunos, notei que também o silêncio já é uma resposta. É um indicativo. A reflexão sobre esses tempos dos alunos, esse entendimento de que nem sempre essa demora é um silêncio total, esses “silêncio” traz uma mensagem, ele já é uma forma, uma maneira de nos informar, já é uma resposta

muitas vezes, é entender a realidade desse educando, é entender que não é porque eu envie um vídeo e pensei que era algo interessante, que os estudantes fariam a respeito dele prontamente, que isso vai acontecer realmente, porque também para eles este formato de aula é novidade e desafiador.

O diálogo envolve também entender que nem sempre o diálogo dentro da educação é uma conversa em que eu falo, depois alguém responde e vice-versa. Dialogar é também compreender as pausas, é como na música, mais uma vez remetendo a arte. O silêncio, a pausa são tão necessários quanto o som para que a gente tenha música. Além, lógico, da aproximação das novas tecnologias que, querendo ou não, precisamos para esses encontros, essa apropriação de alguma forma com esses novos meios, para que o ensino aconteça.

Pensando ainda no dialogar, trago um poema do Carlos Drummond de Andrade:

Há tantos diálogos, diálogos
com o ser amado.
O semelhante
O diferente
O indiferente
O oposto
O adversário
O surdo-mudo
O possesso
O irracional
O vegetal
O mineral
O inominado
diálogo consigo mesmo
Com a noite
Os astros com

Os mortos
As ideias
O sonho
O passado
O mais que futuro
Escolhe teu diálogo e tua
melhor palavra
Ou teu melhor silêncio
Mesmo no silêncio e com o
silêncio dialogamos.

Dialogar, ouvir, vai além de ler e escutar palavras, é observar também outras nuances, como a exemplo do silêncio. Mas ouvir não é fácil! Certa vez Rubem Alves disse: “Sempre vejo anúncios de oratória. Nunca vi anúncios de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir”. A gente precisa ouvir, ouvir o aluno, ouvir suas palavras, ouvir seu silêncio, ouvir sua negativa, por inúmeras vezes pedi para o retorno dos alunos quanto aos assuntos estudados ser por meio de um vídeo curto, principalmente nas proposições práticas. Como é que eu vou ver se esse aluno está fazendo um movimento, se ele está conseguindo desenvolver a atividade prática que eu solicitei, seja de dança ou teatro? Mas não recebi nenhum material de volta.

Lembremos que contamos ainda com o elemento da timidez. Gravar a si mesmo e enviar, mesmo que somente para a professora, desenvolvendo uma prática artística não é algo simples para todo mundo. Há também a vergonha das condições simples de suas residências, que alguns estudantes possuem. Não podemos ignorar isto e exigir que estes alunos realizem “e pronto” o que foi pedido. Não se trata de “você não quer? Tudo bem,

não precisa”, mas de ser sensível em escutar e ler os sinais dados por eles, buscando outros caminhos ou novas estratégias para seguir no mesmo trajeto, só que deixando a turma mais confortável para esse caminhar proposto.

É preciso abrir outras portas e janelas! E então eu chego num momento tão significativo que esse momento remoto trouxe, que foi a participação das disciplinas de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Dança e em Teatro, onde tive a oportunidade de acompanhar as aulas das professoras Kátia, Tatiane Tenório e do professor Jefferson, vivenciando uma aproximação maior com os estagiários em seus processos de construção e reflexão da atuação docente nas escolas.

Apesar de sempre ter recebido muitos estagiários nas aulas presenciais, foi nessa oportunidade de participar também das aulas de Estágio junto a eles que pude compreender melhor todo o processo, agora enquanto docente, já que somente havia assistido tais aulas quanto era eu a graduanda estagiando nas escolas. Trago como exemplo desse processo enriquecedor, minha participação, deste o semestre passado, em disciplinas de Estágio do curso de Licenciatura em Teatro.

Nossos encontros acontecem às quartas-feiras de manhã e é legal estar nesta aula, estar nesse ambiente junto com esses estagiários, com esses licenciandos, com esses estudantes ainda em processo de formação, coisa que não acontecia antes. Eu já estava na escola, eles vinham até mim, a gente conversava quando necessário um planejamento na ocasião de ser um estágio já de atuação em campo e não só de observação. A revisão desses planos de aula era o máximo de contato que tínhamos na

etapa de planejamento. Agora não, eu posso estar lá, eu posso participar do processo de formação desse estudante, e posso também me reinventar e aprender cada vez mais estando nesse espaço de tanto aprendizado.

Dentre as diversas experiências maravilhosas nas quais aprendi em minha atuação nos Estágios, aponto agora algumas compartilhadas no Estágio em Teatro. Uma das mais interessantes foi o projeto “Quintas com Arte”, no Estágio II. Os professores Tatiane e Jefferson abriram para que os estudantes e os professores supervisores opinassem sobre temáticas importantes que atravessaram e atravessam o ensino em teatro na escola e que pudesse ser pesquisado, estudado e investigado. E além desse momento, no dia da aula no horário da manhã às quartas-feiras, também foi estabelecido nas quintas à noite, um convite a diversos profissionais, artistas, educadores, pessoas ligadas às áreas, as temáticas abordadas que pudessem contribuir trazendo palestras, relatos de experiência e tudo isso era mediado pelos próprios estudantes, o que é interessante porque traz um diálogo com esse licenciando e um processo de autonomia para eles também, pois desde a graduação eles são colocados, são provocados nessa atitude mais autônoma de protagonismo que é interessante, porque eu sempre brinco com eles, eu digo assim “o mais fácil é dar aula, todo o resto é que é difícil na vida do professor”.

Planejar, dialogar com a comunidade escolar dentro do seu espaço de trabalho, nos eventos, nas palestras, dar notas, corrigir provas e atividades, isso acaba sendo mais difícil do que a aula em si, a aula é na hora que a gente “uh, agora eu estou em casa”. É interessante

que esses estudantes, desde o processo da graduação, sejam estimulados ao protagonismo, ao saber como se promove um evento, como mediar uma palestra, como pesquisar, de quais formas estabeleço relações com pessoas que dialogam com o que eu estou querendo estudar.

No que concerne as temáticas que foram abordadas no semestre passado, Estágio II, foram elas: cultura popular, matrizes africanas, cultura indígena, participação familiar e deficiência e acessibilidade, que por sinal são assuntos que não atravessam somente o ensino de teatro, na verdade. São importantíssimas e emergenciais para Educação como um todo. Pensar em Acessibilidade, em educação indígena, afro-brasileira, por exemplo, e em como dialogar com a família dos nossos estudantes são questões importantíssimas e essenciais.

A abordagem da professora Tatiane e do professor Jefferson, evidenciou para mim a ideia da educação dialógica, porque eles souberam se reinventar e tornar as desvantagens do ensino remoto em possibilidades novas de atuação na educação durante o período de estágio supervisionado. Conforme dito pela professora Tatiane, a partir do processo estabelecido no Estágio II, foi possível flexibilizar o currículo, as metodologias, os métodos, os diálogos. Ainda sobre escuta e diálogo, para o Estágio III, a turma solicitou aos professores para continuar com esse tipo de investigação, com essas mesmas temáticas.

Com os planos de aula feitos e aplicados na própria turma, agora a ideia é que os grupos façam isso nas escolas, ainda que no ensino remoto. Outra nova atividade solicitada pelos alunos e atendida pelos professores mencionais, foi a de produção textual, auxiliando

assim também outras áreas de atuação e conhecimento desses estudantes, bem como estimulando a produção acadêmica. Destaco ainda outras atuações dos estagiários em ações estabelecidas nas disciplinas de Estágio II e III, sendo elas: participação em reuniões da Formação Continuada dos Professores de Arte do Município de Natal (FORMARTES), e em projetos da Escola NEI (UFRN).

Para finalizar, cito os nomes dos meus estagiários, mencionados em minha fala: Natália, Sara, Zé Lucas, Pedro Henrique, Viviane, Elena, Antônia, Jaine, Ádina, Diana Bruna e Bruno. Eles e elas não são somente um corpo de pessoas representados pelos estagiários, são pessoas, são nomes, é aquela ideia da escuta: “Quem é você? Quem sou eu?”. Para que possa falar, você também precisa ouvir, e o contrário acontecer para que haja um diálogo significativo. Como também foi dito pela professora Brena: é possível sim uma educação dialógica! Não é fácil, não é simples, assim como nada tem sido nesse formato remoto, mas é emergencial, é urgente, porque em tempos que escancararam essa desigualdade educacional, é cada vez mais urgente trabalharmos, estimularmos um ambiente que estimule a criticidade, a autonomia dos nossos alunos e das nossas alunas, uma pedagogia libertadora para que no futuro as coisas sejam mais justas e iguais. Como diz a música “Imagine”, de John Lennon: “Você pode dizer que eu sou um sonhador, mas eu não sou o único”. Que a gente possa sim começar a diminuir essas desigualdades tão gritantes na nossa educação pública, um dia, chegaremos lá! Obrigada.

QUESTÕES ÀS COMUNICADORAS

DANIELLE GRACE

Eu queria, para conversarmos um pouquinho, trazer algumas coisas. E foi muito interessante, Raphaelly, porque eu formulava algumas perguntas para você e logo depois você comentava alguma coisa em torno daquilo ou respondia de fato. Mas pensando um pouco na apresentação, primeiramente da Brena, fiquei tentando trazer um pouco ao nosso debate a relação entre democracia dentro e democracia fora da escola, e como que a democracia exercida dentro se torna, na verdade, aprendizagem da democracia. E a outra coisa também em relação a isso, e seria mais uma pergunta, há espaço nesse papel democrático da escola para o estagiário? Há um lugar de estagiário? Se a escola é autoritária, é uma pergunta de reflexão, como vamos depositar nesses jovens a missão de defender a democracia?

BRENA MARIA

Danielle, primeiro sobre a escola ser preparatória para exercer essa democracia além dos muros da escola, quando o estudante sair de lá. Precisa ser, porque a escola é um espaço de aprendizagem de diversas áreas e às vezes o professor é relutante em ensinar algo além da sua área bem específica, mas as próprias instruções normativas do ensino nos orientam a preparar os estudantes para a cidadania, para a responsabilidade e para a democracia também. Então é o espaço em que precisamos desenvolver isso e criar espaços de participação para os estudantes dentro da escola, porque se não o fazemos, ela passa a ser um espaço de opressão, então não tem jeito, o estudante já vai sair da escola acostumado com essa realidade. Se dentro da escola não

abrimos esse espaço, como é que fora dela, ele vai atuar de forma diferente? Ele vai estar sendo ensinado de que é assim mesmo, as coisas são assim e vida que segue, nada se pode fazer. Eu acabei falando sobre essa questão toda de uma forma bem generalizada, não foquei no ensino remoto, mas especialmente sobre a gestão democrática, esse período de ensino remoto tem um lado positivo. Não tem muita coisa positiva nesse momento que estamos vivendo, mas para gestão democrática em si tem facilitado porque, primeiro que no ensino presencial quase não existia, na escola que eu trabalho, as reuniões, o conselho escolar atuante, e agora temos reuniões online e a participação é ótima quando as reuniões são abertas para toda a comunidade escolar. Não temos a escola toda, mas é uma reunião na qual a escola não está sendo convocada, está sendo convidada, e temos então de 60 a 70 pessoas participando. Então, para a participação, o pessoal assistir, querer participar e dialogar também, tem esse ponto positivo, cada um de sua casa acessar pelo celular. Como Raphaelly colocou, infelizmente não é todo mundo que tem esse acesso, acaba todo mundo ficando meio excluído. Nós, como escola, temos que promover a inclusão de alguma forma. Fazemos atividades impressas, enviamos um material impresso, não é a mesma coisa, é a forma de incluirmos, pelo menos, neste espaço democrático de gestão democrática, e fica impossível porque as reuniões neste momento estão acontecendo dessa forma. Eu não comentei sobre os estagiários, eu estava com medo de receber estagiários porque eu nunca tinha recebido, então aceitei só dois, pois essa semana eu recebi doze da UERN e eu não tive como dizer não para os meus ex-

professores. Está dando tão certo com Anne e com Arthur, que eu falei “ah, tudo bem, divide, vai seis, depois vai mais seis”, eu sei que no total agora eu estou com catorze, e com certeza há espaço democrático. Quando a gente quer, a gente dá um jeitinho. Quando eu planejo minhas aulas, temos um encontro com os estagiários e eu sempre pergunto “e aí, que vocês acham? Sejam sinceros! Precisa modificar o quê?”. No momento das aulas estão me ajudando, eles nem estão na parte prática ainda, mas eles vão fazendo anotações, depois fazemos uma avaliação da aula, eles sabem que têm total liberdade para interferir em qualquer coisa, seja no planejamento, seja no momento da aula, eles têm essa janela aberta na nossa sala de aula. Sobre a escola autoritária, mesmo com tanta legislação a favor que ampare a gestão democrática, infelizmente nós deparamos com posturas autoritárias, antidemocráticas porque é algo cultural. Isso de escola democrática, gestão democrática é algo que está praticamente chegando agora, em algumas escolas já faz poucos anos que se instalou, em outras está chegando agora, devagarzinho a gente vai caminhar. Então não só a direção da escola mas até o próprio pessoal, que às vezes não gosta, não é todo mundo — não é generalizando, mas exemplos verídicos —, às vezes acontece dos professores mesmo se incomodarem com a ação do conselho escolar, por exemplo do conselho escolar questionar alguma coisa que a direção fez porque organizou uma divisão de carga horária, colocar um comunicado para toda a comunidade escolar de que as aulas estão voltando, ou de que as aulas não estão voltando, ou de que vai haver uma reunião presencial na escola neste momento, aí o

conselho chega junto e questiona “como assim? A gente não discutiu sobre isso. Como é que a gente vai, por exemplo, fazer uma reunião presencial nesse momento, pode até ser que aconteça, seguindo todos os protocolos, pouca gente, mas primeiro a gente tem que discutir”. Então assim, o diálogo incomoda muita gente que está muito acomodada com a realidade da escola autoritária, “é o diretor que manda, e os demais funcionários que obedecem”. Então, às vezes quando chegar alguém ou o grupo falando um pouco contra isso “espera aí, esse assunto aqui, vamos discutir primeiro sobre isso aqui”. Muitas vezes incomoda, mas o que temos a fazer — nós que queremos construir a escola democrática, que foi o pensamento inicial que surgiu com Paulo Freire — é combater de forma respeitosa, chegando de forma sutil, sempre chamando ao diálogo, chamando os colegas de trabalho, chamando os estudantes, mostrando a legislação, “olha, a gente precisa discutir sobre isso, sim! Porque a gente tem uma legislação que ampara a gestão democrática”. As coisas não podem mais ser decididas dessa forma, especialmente esse tipo de assunto nesse momento tão complicado de encontro presencial, de volta às aulas, vai acontecer em algum momento, mas temos que discutir muito e temos a legislação que ampara isso, o diálogo a democracia na escola.

RAPHALLY SOUZA

Só duas coisas bem rapidinho. Primeiro agradecer a minha diretora que está aqui comentando, a diretora administrativo-financeira da escola, e segundo uma fala que ela me disse um dia desse que me fez refletir, que eu sou boa de escutar. Eu não sou fofqueira — que

diz que fofoca é só quando você repassa —, é escutatória, lembrem-se de Rubem Alves. Ela falou o quanto é difícil ser diretora administrativo-financeira porque não tem formação, não tem base para essas questões dentro do espaço escolar, isso tem muito a ver também com o conselho. Eu faço parte também do conselho das duas escolas em que eu atuo. Na do município, eu fui presidenta por alguns anos e foi um desafio, pois eu nunca tinha participado de nada disso na minha graduação, nem após disso, e de repente fui lançada para esse outro olhar, para esse novo processo e eu tive que me integrar com aquilo, por isso também que é tão necessário deixar no processo formativo essa integração do estagiário neste espaço escolar e nas mais diversas competências. Foi até dito em um comentário que não é só jogar ele na escola, mas é também fazê-lo entender como funciona, e isso inclui essa gestão democrática, a administração, a parte financeira, compreender essas várias vertentes que tem uma escola, que estão para além da sala de aula, mas que está tudo interligado, que vai influenciar diretamente o seu fazer pedagógico.

DANIELLE GRACE

Quando você estava desenvolvendo a sua fala, eu fui pensando aqui em coisas e eu esbocei algumas perguntas que depois você até respondeu, mas eu acho que vai ser interessante voltarmos um pouco. Primeiro: como promover a educação dialógica quando não estamos vendo e ouvindo nossos interlocutores? Você foi ali apontando alguns caminhos em relação a isso, queria que falasse mais. E depois: como escutar se estamos sendo convocados a estar sempre falando? Eu queria que conversássemos um

pouco mais sobre isso, como ouvir o silêncio, porque eu ouço muitos professores, e eu também estou nesse processo, às vezes, a tela está escura, não ouvimos o outro lado, e nos sentimos convocados a não deixar o silêncio, pensamos: “não posso deixar cair aqui, tenho que falar alguma coisa e tal”. Então como criar uma educação dialógica, ou melhor, como criar o diálogo se eu estou sendo convocado a falar o tempo inteiro? Enfim, queria que vocês falassem um pouco sobre como vocês resolvem isso, ou não.

BRENA SOUZA

É um desafio, é como a professora Raphaelly colocou, é complicado. Eu estou passando por isso, ela está, você está, meu ex-professor, com quem fiz contato para o estágio, também comentou exatamente essa mesma coisa, “parece que eu estou sozinho, o pessoal não fala, o pessoal não abre a câmera”. E assim, é um desafio muito grande porque o período em si é muito complicado, parte desses alunos estão ali com a câmera desligada, outra parte estão evadidos, tem muitos estudantes que não temos devolutiva alguma e a escola está atrás, a direção, professor um por um fica atrás, e às vezes sabemos que o aluno tem acesso à internet e ainda assim, tem muitos alunos que estão evadidos. Então é um desafio muito grande. Para aqueles que estão lá e não falam, não abrem a câmera, é complicado, eu fico tentando quebrar o gelo aos pouquinhos, mas por um lado eu compreendo eles, porque é uma mudança de contexto geral. Eu mesma, quando comecei a ter umas aulas, umas reuniões nessa modalidade online, eu como aluna, no começo eu ficava muito acanhada, eu também não abria

minha câmera, eu também falava muito pouco, quando falava era no chat. Então nós vamos completar dois anos disso, uma hora eu vi que “não, essa coisa tem que andar, vamos ter que falar e tudo mais”. Na escola que eu trabalho, eu considero que já demos um passo muito grande porque no ano passado, era tudo muito mais complicado porque foi a surpresa, a bomba do ensino remoto que caiu de surpresa, vamos ter que dar aula e vai ser dessa forma, muitos, como eu, sem dominar as tecnologias digitais de informação e comunicação, e agora? Com computador de péssima qualidade, morrendo, acabou de morrer e no início do ano tive que comprar, e eletrônicos com preços por “aculá”, mas temos que dar um jeito para o ensino e aprendizagem continuar. Então assim, no ano passado, quando a bomba estourou, nós só dávamos aulas assíncronas, aulas dos outros, vídeo aulas do YouTube de outras pessoas, falando a minha realidade e dos meus colegas da mesma escola, era assim. As atividades eram utilizando uma a duas ferramentas no máximo. Quando chegou no final do ano, tivemos um momento de eletiva — porque na escola de tempo integral tem essa disciplina eletiva —, falamos “gente, vamos inovar, vamos fazer alguma coisa, vamos fazer isso” e fizemos uma aula síncrona, eu com o computador em péssimo estado, entrei pelo celular e fizemos essa aula. Então, entramos em 2021 sabendo que iríamos continuar nessa realidade, nós como escola tomamos uma decisão, vamos ter que melhorar, o resultado foi péssimo, vamos ter que fazer algo a respeito e decidimos ter aulas síncronas e aulas assíncronas também porque tem parte do pessoal que não vai estar presente ali. Eu tive que comprar outro computador — mesmo

caro do jeito que está, mas eu faço minhas próprias videoaulas agora — e aprender a usar um monte de ferramentas digitais, inclusive com a professora Danielle e com mais um monte de outros super professores, mais uma vez a universidade salvando o conhecimento. A UFRN abriu um curso de extensão no ano passado de tecnologias digitais para o ensino presencial e o ensino remoto, “tenho que aproveitar essa oportunidade, tenho que aprender a mexer nessas coisas porque agora é assim”. Então entrei o ano muito mais preparada e as nossas aulas são assim, são mais diversas. A participação, infelizmente, é como eu falei, tem essa evasão, não tem o que fazer, mas com o pessoal que está ali e que eu tento que ser compreensiva e tudo mais, mesmo assim é complicado para eles realmente participarem e ter aquele diálogo. Então, uma estratégia, no ensino público pelo menos, é fazer a busca ativa, se eles não estão participando, temos que ir atrás, um por um. Realmente trabalhamos muito mais no ensino remoto do que no ensino presencial, não existe essa busca no ensino presencial. Vamos atrás um por um e temos um diálogo melhor, pelo menos para entender a situação, deixo minha porta, minha janela aberta, em qualquer dúvida, qualquer coisa, venham aqui, eu escuto a voz deles, manda um áudio, escreve um pouquinho mais, diz um pouquinho melhor qual é o problema. Então nessa oportunidade, individualmente a gente dialoga um pouquinho mais. No momento da aula síncrona, eles não abrem a câmera de jeito nenhum de livre espontânea vontade, no final da aula, eu estou fazendo uma coisa assim, no finalzinho da aula, eu peço “gente, por favor, só os corajosos, abram a câmera bem

rapidinho, só pra gente registrar esse momento, é tão especial esse dia que estamos juntos”, aí eles abrem a câmera, alguns deles eu nunca vi na vida, porque os alunos do primeiro ano chegaram agora, então eu digo “ai gente, é porque eu tenho que conhecer vocês, imagine quando a gente chegar no presencial, eu não sei quem é quem, vai ficar muito estranho”, e vários abrem, tiramos aquela fotinha e pronto, acabou o contato visual, só eles que me veem durante a aula toda. Outra estratégia, e eu nem sei se é pedagogicamente indicada, mas essa semana eu comprovei e fiquei um pouco triste, mas que serviu para me orientar e conduzir um pouquinho melhor estas aulas, para conseguir uma participação um pouco melhor. Essa semana a gente teve aula na terça-feira, a Anne e Arthur estavam presentes, e foi síncrona só com as primeiras séries, e a participação oral foi quase zero, preparei slides, eram situações de vocabulário novo e tínhamos que preencher um texto juntos, e eu fiquei pedindo muita participação oral, falei para eles que devido o slide aberto não iria ter como ver o chat, e de uma turma de mais de 60 alunos — porque várias turmas de primeiro ano estavam nessa mesma aula —, eu escutava a voz de dois estudantes. quando terminou a aula, a estagiária Anne veio falar comigo, “professora, o que foi isso, que participação pouca foi essa, foi tão diferente da aula anterior”, aí ela me fez pensar, “Poxa Anne, eu realmente tenho que fazer igual na aula anterior, que antes de começar a atividade eu fiquei, pessoal hoje vamos fazer uma atividade, eu tenho que deixar claro que é uma atividade, que é avaliativa, que vai valer alguma pontuação no final das contas, e a participação foi bem melhor, tanto oralmente quanto pelo chat.”

Nessa semana eu esqueci de fazer todas essas ressalvas. Eu perdi muito tempo explicando para eles, que eles estavam com dúvidas, a gente vai retornar presencialmente, como é que vai ser e eu tirando todas as dúvidas. Perdemos um tempo, e o Google Meet agora com uma hora fecha, e eu acabei não explicando essa coisa, detalhes, e isso é uma atividade, é óbvio que é uma atividade, mas eu tenho que dizer, isso hoje é uma atividade oral, participem, e por eu não dizer eles participaram super poucos, eu acho que eles pensaram que...

DANIELLE GRACE

Ou seja, é uma pedagogia que está sendo renovada, formulada...

RAPHAELLY SOUZA

Não é uma bula, não vou dar uma receita e nem clinicar, falo sobre minhas tentativas. Primeiro de tudo, eu tenho me escutado, em primeiro lugar, tenho aprendido a me ouvir mais, ouvir a minha exaustão, me ouvir, me compreender, até que eu vou, até que eu posso ir em uma determinada estratégia, eu posso me doar, eu posso entrar naquilo, porque também não sou a favor da romantização desse processo, não é fácil. E segundo, em relação às crianças, quando elas conseguem acessar, elas não têm problema nenhum, se elas têm um suporte do celular ou alguém que pelo menos grave um vídeo para ela se for uma atividade dessa natureza, é o contrário, tem que pedir pra parar, porque se não é áudio direto, é emoji direto, a interação é direto, acontece quando elas podem estar presentes. Em relação aos adolescentes, nós vamos deixando mais tímidos, e a maioria deixa a câmera desligada.

Primeiro, antes da gente voltar para o ensino síncrono, minha escola passou pela mesma coisa que a da Brena passou, é escola estadual, só temos aulas assíncronas. Fizemos um trabalho de mandar mensagem, cada professor ficou com uma turma e enviamos mensagens motivacionais, perguntamos como você está e eu recebi coisas bem interessantes para retomar pelo menos um laço antes de voltarmos às aulas, ainda que no formato remoto. E para a turma que eu fiquei responsável, eu gravei um poema do Bráulio Bessa e eu mandava esse áudio para esses alunos, depois perguntava como eles estavam, e a devolutiva foi bem interessante. Em relação às aulas, vou dar um exemplo rápido por conta do horário, eu também tenho eletiva porque nós somos o novo ensino médio no Instituto Padre Miguelinho, e temos recebido bolsistas do PIBID dança, dos estagiários e só tem agregado ainda mais ao nosso processo. E a gente vem trabalhando com a estética e as condições histórico-sociais culturais do funk, e tem sido desafiador porque eles têm a parte de aula prática, tem o estudo, e alguns já começaram a ligar a câmera, é bem interessante. Geralmente começamos com um aquecimento, um processo de respiração e um ou outro já está ligando a câmera. Além de ser um conteúdo, é uma discussão que tem uma potência social bem importante ao nosso ver — e eu digo nosso porque tudo é planejado entre eu, minhas bolsistas e minhas estagiárias. E é tentar, não deu certo uma coisa, insista mais um pouquinho, não se frustre de primeira, “eles não ligaram a câmera, eu não vou nem tentar, vou tentar colocar esses para dançar? não vou nunca. Botar esses meninos para alongar? não vão fazer”. Tenta! Um vai ligar em um dia, dois

vão ligar no outro, e são essas pequenas vitórias que precisamos valorizar, não romantizando achando “tudo bem, tudo maravilhoso, eu tenho que conquistar esse aluno”, Não! Você tem que pensar em você também, se ouvir, saber os seus limites, mas valorizar essas pequenas conquistas, pelo menos é isso que eu tenho tentado, se vai funcionar para outras pessoas é um processo bem individual.